

Uma análise preliminar acerca do complexo do estranhamento no último Lukács

Petrus Alves Freitas¹

Resumo

A interpretação da Teoria Social de Marx fornecida por György Lukács é certamente uma das mais importantes e instigantes do pensamento marxista na atualidade. A sua obra mais madura, *Para uma Ontologia do Ser Social*, representa o ponto nodal do seu esforço intelectual de ressignificar a tradição marxista, contrapondo-se radicalmente ao marxismo mecanicista do século XX. Entretanto, a teoria do estranhamento de Lukács, dentro da tradição crítica, aparece, muitas vezes, como marginal, quando ela não é totalmente negligenciada. Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar, de maneira geral e introdutória, como o problema do estranhamento é teorizado por Lukács, numa tentativa de ressaltar como o entendimento desse complexo de problemas se torna fundamental para a crítica marxista da sociedade capitalista na contemporaneidade. Devemos frisar, no entanto, que a teoria do estranhamento, expressa na *Ontologia*, tomou feições muito próprias e originais, por mais que possamos vincular esta temática aos escritos marxianos, tal como é feito pelo próprio Lukács ao longo de sua obra.

Palavras-chave: Lukács; Estranhamento; Personalidade; Desenvolvimento Social Desigual; Ontologia.

¹ Doutorando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF). Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Marx e o Marxismo (NIEP-UFF). Pesquisador do Grupo de Estudos de Crítica da Economia Política (GECEP-UFVJM). Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

Introdução

As reflexões de Lukács sobre o “estranhamento² real” do “ser social real”, presentes no quarto e último capítulo do segundo volume da *Ontologia*, demonstram que o estranhamento é, e somente pode ser entendido como, um fenômeno histórico-social, não pertencente ao complexo do ser social, mas que produz no ser humano a sua “desumanização”, ou melhor, a deformação da sua personalidade (LUKÁCS, 2013, p. 579). Embora, numa primeira impressão, esse fenômeno do estranhamento pareça surgir puramente do complexo da ideologia, ele é, em essência, uma expressão das relações sociais de produção que se vincula, principalmente na vida cotidiana, com o complexo econômico³, conforme tentaremos mostrar.

Antes de tudo, devemos reconhecer que Marx foi o primeiro autor a estabelecer esta íntima relação entre o fenômeno do estranhamento e a economia. Para ele, o processo de estranhamento, que incide tanto em trabalhadores quanto em capitalistas, é um produto do antagonismo entre as classes sociais no capitalismo. O conceito de estranhamento em Marx possui alguns aspectos fundamentais, e a partir da categoria do trabalho assalariado ele demonstrou que, na relação do ser humano que trabalha, o estranhamento se expressa das seguintes maneiras: i) no produto do seu trabalho; ii) na

² Precisamos realizar uma advertência fundamental quanto ao uso dos termos “*Entfremdung*” e “*Entäußerung*” que são utilizados por Marx e por Lukács. Muito frequentemente eles são traduzidos, respectivamente, por estranhamento e alienação, mas também, em algumas traduções em língua portuguesa, por: *alienação* e *exteriorização*. Em *Para uma Ontologia do Ser Social*, Lukács separa o processo de objetivação (*Vergegenständlichung*), referindo-se ao momento objetivo, material; do da alienação (*Entäußerung*), referindo-se ao momento subjetivo, espiritual. Este último termo, como dissemos, pode ser entendido como o momento de “exteriorização” do sujeito nesse processo. Marx jamais fez esta distinção. Nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844*, muitas vezes Marx utiliza os dois termos, estranhamento (*Entfremdung*) e alienação (*Entäußerung*), como sinônimos, com uma clara conotação negativa, isto é, no sentido de entrave ao pleno desenvolvimento do gênero humano. Podemos seguramente afirmar que tanto em Marx quanto em Lukács o termo estranhamento (*Entfremdung*) sempre carrega consigo essa conotação negativa, devendo ser, portanto, superado. Já a alienação (*Entäußerung*) – que também pode ser traduzida por exteriorização – é, para Lukács, um momento inseparável da objetivação, e essa alienação pode se tornar estranhamento ou não. Diante disso, optamos por utilizar a tradução de *Entfremdung* como estranhamento e de *Entäußerung* como alienação, da maneira como está traduzido na edição brasileira da *Ontologia* (LUKÁCS, 2012; 2013).

³ Contudo, conforme adverte Lukács, não podemos nos esquecer que todo estranhamento precisa da mediação de formas ideológicas, por isso, não há nenhuma forma de estranhamento que não se manifeste na esfera ideológica. O problema da ideologia se torna mais relevante ao longo da história, e com o desenvolvimento da sociedade capitalista, “com o nascimento das classes sociais com interesses antagônicos, esse tipo de posição teleológica torna-se a base espiritual estruturante do que o marxismo chama de ideologia” (LUKÁCS, 2009, p. 234). Desta forma, “a existência social da ideologia parece pressupor os conflitos sociais, que precisam ser travados”. Com efeito, esses conflitos “desenvolvem formas específicas em cada sociedade concreta”, e cada forma concreta de sociedade, naturalmente, possui a sua representação ideológica particular (LUKÁCS, 2013, p. 471). A ideologia, na visão de Lukács, exerce a função social de dirimir conflitos, não só os de ordem mais universais, como na política, mas também na própria vida cotidiana, configurando-se na forma pela qual os indivíduos se orientariam para tomar decisões baseadas na consciência que possuem acerca do mundo em que vivem, assim: “Nem um ponto de vista individualmente verdadeiro ou falso, nem uma hipótese, teoria etc., científica verdadeira ou falsa constituem em si e por si só uma ideologia: eles podem vir a tornar-se uma ideologia, como vimos. Eles podem se converter em ideologia só depois que tiverem se transformado em veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menor amplitude, determinantes dos destinos do mundo ou episódicos” (LUKÁCS, 2013, p. 467).

sua atividade produtiva (processo de produção); iii) na vida genérica e, em decorrência disso, a relação humana com a natureza também se expressa numa relação estranhada (MARX, 2015, p. 314)⁴.

Foi passando pela filosofia clássica alemã, sobretudo por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) – máxima expressão do idealismo objetivo do século XIX –, e pelo materialismo de Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) – autor da instigante crítica ao cristianismo – que Marx pôde superar o idealismo dominante em seu tempo⁵. Após seu estudo crítico da Economia Política Clássica, cujo resultado foi a publicação da sua *obra máxima*, *O Capital*, Marx pôde conceber a mais elevada acepção da dinâmica capitalista e completar a sua visão acerca do estranhamento na sociedade especificamente capitalista, expressa na original teoria do fetichismo⁶. A construção teórica de Marx acerca do estranhamento, portanto, ultrapassa a sua conceituação em termos puramente filosóficos.

Com a contribuição dos teóricos da Economia Política Clássica, como Adam Smith (1776) e David Ricardo (1772), que admitiram no trabalho a origem da riqueza da sociedade burguesa, além da contribuição de Hegel (1992a; 1992b), possibilitou, em Marx (1985a, p. 149-154) e também Engels (2000)⁷, que o papel do trabalho entrasse para o cerne das suas investigações acerca da constituição do ser social. Pelo ato (teleológico) do trabalho, isto é, pela antecipação mental daquilo que será trabalhado, o ser humano modifica a natureza, produz objetos e meios de trabalho que proporcionam o desenvolvimento da produção material indo além da sua necessidade imediata. Agindo sobre a natureza, o ser humano produz e reproduz a si mesmo, pois, ao satisfazer necessidades vitais, se transforma cada vez mais em um ser socialmente determinado. Essa atividade especificamente humana desenvolveu capacidades, habilidades e criou novas necessidades a partir da satisfação das necessidades mais imediatas, como comer e beber etc. No curso desse processo

⁴ Mészáros atribui ao conceito de estranhamento em Marx quatro aspectos fundamentais, são eles; “a) o ser humano está [estranhado] da *natureza*; b) ele está [estranhado] de *si mesmo* (de sua própria *atividade*); c) do seu “ser genérico” (do seu ser como membro do gênero humano); d) o ser humano está [estranhado] do *ser humano* (dos demais seres humanos)” (MÉSZÁROS, 2016, p. 20). Pelos motivos expostos na segunda nota de rodapé deste trabalho, optamos por ajustar a tradução desta citação, substituindo a palavra “alienado” por “estranhado” entre colchetes.

⁵ De maneira muito esquemática podemos delinear essa frutífera influência de Hegel e Feuerbach no princípio da evolução intelectual de Marx. Dentre muitas categorias filosóficas em Hegel, Marx pôde compreender: a) a dialética, entendida como movimento da própria realidade objetiva, após a suposta “inversão materialista” realizada por ele, elucidando a sua perspectiva da dinâmica social; com isso b) a filosofia fez conexão com a economia e o tratamento das categorias propriamente econômicas foi feito sob a luz do materialismo histórico. Com a influência de Feuerbach, também, Marx pôde *i*) criticar idealismo especulativo de Hegel, além de conceber as determinações reais do autoestranhamento do ser humano; e, superando a crítica da religião, finalmente, *ii*) empreender uma crítica da realidade concreta, tendo a *práxis* como centro da sua crítica.

⁶ Ressaltamos que Marx não tratou do fetichismo apenas no Capítulo I d’*O Capital*, seção 4, “O fetichismo da mercadoria e o seu segredo”, mas em toda a sua obra de maturidade. Neste sentido, o fetichismo oculta às relações sociais de produção e reprodução da sociedade capitalista, cristalizando-se na mercadoria, consequência necessária ao próprio desenvolvimento das relações mercantis. Desvelando o que há de misterioso na sociedade burguesa, desta forma, a teoria do fetichismo de Marx reflete as relações reais entre as pessoas no mundo real.

⁷ Segundo Lukács, foi “mérito de Engels ter colocado o trabalho no centro da humanização do homem. Ele investiga as condições biológicas do novo papel que o trabalho adquire com o salto do animal ao homem. E as encontra na diferenciação que a função vital da mão adquire já nos macacos” (LUKÁCS, 2013, p. 45).

histórico-social, surgem atividades humanas que jamais poderão ser vistas na natureza⁸ (MARX, 1985a, p. 153).

Lukács desenvolve, a partir da categoria do trabalho (cujos fundamentos atribui a Marx), um aparato teórico para o entendimento das bases do ser social e seus demais complexos. Na distinção entre ser inorgânico, ser orgânico e ser social, é possível compreender que o ser social é aquele que carrega consigo uma diferença fundamental do ser inorgânico, o qual apenas existe e não se reproduz, e do ser orgânico, que se reproduz de forma inconsciente, adaptando-se ao ambiente. O ser social é, portanto, portador e sujeito das suas condições de reprodução, capaz de modificar ativa e conscientemente o seu ambiente. À medida que o trabalho se desenvolve, possibilita que esta forma, antes parte integrada ao processo, se torne uma matéria autônoma do conhecimento, sem que perca por completo sua função de origem. Assim, novas atividades humanas surgem e entram em ação no momento da divisão do trabalho. A divisão social do trabalho e a produção do excedente possibilitam o desenvolvimento social, mas também o nascimento de grupos sociais de interesses antagônicos, que geram e intensificam os conflitos sociais. Esses conflitos não operam apenas no âmbito dos interesses materiais. Quando trata do conflito, Lukács se refere especialmente ao “conflito entre o desenvolvimento das capacidades humanas pelas forças produtivas e a conservação (ou o esfacelamento) da personalidade humana”, que pode se expressar em um estranhamento (LUKÁCS, 2013, p. 591), como veremos adiante.

É importante compreender, portanto, que, a partir do surgimento do ser social, para Lukács, o fenômeno do estranhamento se funda na desigualdade do desenvolvimento social, do desenvolvimento desigual entre gênero humano e indivíduo singular, entre capacidade e personalidade. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar a teoria do estranhamento de

⁸ No capítulo V d’*O capital*, Marx caracteriza o trabalho mediante um contraste com as atividades encontradas no metabolismo das demais espécies com a natureza: “o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele constitui o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente” (MARX, 2010, p. 149-150). Em Lukács, verificamos que: “Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social [...] Desse modo, o trabalho pode ser considerado o fenômeno originário, o modelo do ser social [...]” (LUKÁCS, 2013, p. 44). Ainda no capítulo primeiro do segundo volume da *Ontologia*, Lukács nos fornece: “Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade. Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações às vezes muito complexas –, sempre se realizam pores teleológicos, em última análise, de ordem material. É claro, como veremos mais adiante, que não se deve exagerar de maneira esquemática esse caráter de modelo do trabalho em relação ao agir humano em sociedade; precisamente a consideração das diferenças bastante importantes mostra a afinidade essencialmente ontológica, pois exatamente nessas diferenças se revela que o trabalho pode servir de modelo para compreender os outros pores socioteleológicos, já que, quanto ao ser, ele é a sua forma originária. O fato simples de que no trabalho se realiza um pôr teleológico é uma experiência elementar da vida cotidiana de todos os homens, tornando-se isso um componente imprescindível de qualquer pensamento, desde os discursos cotidianos até a economia e a filosofia” (LUKÁCS, 2013, p. 47).

Lukács e demonstrar a urgência dessa teoria para uma crítica marxista da sociedade capitalista na contemporaneidade. Para isso, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: a) uma apresentação introdutória e mais abstrata dos fundamentos ontológicos do fenômeno do estranhamento em Lukács; b) uma breve demonstração dessa atualidade da interpretação lukacsiana para o fenômeno do estranhamento; e, por fim, c) uma tentativa de retirar algumas considerações pertinentes sobre o tema.

1. Fundamentos ontológicos do fenômeno do estranhamento

Na formulação dos “*Traços ontológicos gerais do estranhamento*”, exposto na seção que inicia o capítulo IV do segundo volume da *Ontologia*, Lukács (2013) trava oposição não somente ao idealismo hegeliano, como fizera Marx, mas também às correntes filosóficas posteriores, como o existencialismo de Heidegger e o niilismo de Nietzsche – principais bases do pensamento que ficou conhecido como “pós-moderno” –, evidenciando já uma das importantes contribuições desta obra. Não é nosso objetivo expor essa oposição, porém apenas ressaltar que, para o entendimento do fenômeno do estranhamento, “se quisermos delinear com nitidez e apreender corretamente” deve-se “visualizar de modo preciso a sua posição dentro da totalidade do complexo do ser social” (LUKÁCS, 2013, p. 577).

Com essa perspectiva, Lukács afasta qualquer interpretação idealista do problema, bem como as interpretações subjetivistas, afirmando que o estranhamento é “um processo exclusivamente histórico-social que emerge em certos picos do desenvolvimento em curso” (LUKÁCS, 2013, p. 577) e que assume variadas formas historicamente distintas, portanto, sem qualquer relação com uma condição humana universal ou transcendental, como na interpretação idealista de Hegel do estranhamento, centrada em sua lógica-especulativa e método-absoluto (pensamento puro e sujeito e objeto idênticos), cujo estranhamento aparece sempre reportando o processo de objetivação da Ideia e a exteriorização do Espírito (HEGEL, 2001). Em Hegel, as determinações do ser se fundamentam fora do plano ontológico-material, isto é, meramente na consciência.

Com o reconhecimento da prioridade do ser frente a consciência, Marx concebeu o ser humano como “ser” objetivo e a objetividade não como um produto da consciência, pois “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1986, p. 37), destinando, assim, a objetividade humana às relações materiais que se desenvolvem na própria realidade, ou melhor, da interrelação entre os indivíduos em uma realidade já existente. Diz Marx:

Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é um ser objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é algo objetivo. Um ser não objetivo é um não-ser. (MARX, 2015, p. 303)

Desse modo, o ponto de partida da análise do fenômeno que apresentaremos é a totalidade do processo de desenvolvimento do ser social que, obviamente, integra também o processo de desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido, é o trabalho, para Lukács (como já aludimos), a atividade fundante da própria humanidade⁹. Todas as complexas e diversas formas deste ser social tem origem objetivamente neste ato teleológico, “através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade” (LUKÁCS, 2013, p. 47). O nascimento simultâneo e inseparável do trabalho e da linguagem fundamentam, portanto, o desenvolvimento da humanidade, criando uma cissura “tão ampla e profunda que a herança animal, por vezes sem dúvida presente, não tem peso decisivo”, separando a espécie humana da espécie animal (LUKÁCS, 1966, p. 39).

Mais do que essa separação, este processo se configura como o produtor de transformações qualitativas, objetivas e subjetivas, que jamais estarão presentes na natureza. Este desenvolvimento e aperfeiçoamento não se restringem a mera interpretação da realidade e da consciência humana, mas se realiza na ação prática dos seres humanos, pois, uma vez supridas as necessidades imediatas, como comer e beber (e muitas outras), as determinações biológicas, sem deixarem de existir, vão cedendo lugar a determinações cada vez mais sociais que somente podem existir com a satisfação das primeiras. O ato de comermos com pratos e talheres, por exemplo, é um ato puramente social, embora a necessidade imediata de matar a fome seja uma condição biológica insuperável.

Nessa interação prática do ser humano com o mundo previamente existente impõe-se diferentes momentos de reflexão acerca deste mundo, além de novas e diferentes formas de conhecimentos. Isto é, a existência humana – que se concretiza numa dada realidade objetiva – desenvolve formas de reflexão, no pensamento, sobre este mundo que existe objetivamente; possibilitando desempenhar atividades no processo de trabalho, exigindo, dessa maneira, uma crescente complexificação da interação com a natureza e o seu domínio.

No trabalho, como dissemos, o ser humano opera uma síntese entre a ideação prévia e uma causalidade (dada pela natureza e posta pelo sujeito que trabalha), produzindo valores de uso necessários à existência humana. Com esta primeira objetivação, os seres humanos criam novos objetos não existentes na natureza, ao mesmo tempo em que se reconhecem enquanto sujeitos diferentes deste novo objeto criado. Na produção, um objeto natural deve ser trabalhado de maneira adequada, ou seja, deve-se avaliar positiva ou negativamente a forma como foi produzido e o resultado obtido neste trabalho. Com isso, se produz não somente um novo objeto, mas também o conhecimento sobre a produção deste objeto que deverá servir, caso avaliado positivamente, na

⁹ No primeiro capítulo do segundo volume da *Ontologia*, Lukács destina sua análise à categoria do trabalho, sem se esquecer de que qualquer ser somente pode ser compreendido corretamente em sua complexidade, isto é, na interação dos complexos de complexos heterogêneos da realidade (LUKÁCS, 2013, p. 41-45).

orientação para a práxis humana (uma ética), conduzindo também a prática cotidiana (um juízo de valor).

Aqui torna imprescindível dizer que, segundo Lukács, com o trabalho movemos séries causais que produzem resultados que individualmente não podem ser controlados totalmente. Por definição, toda escolha individual é tomada intencionalmente, gerando, na realidade concreta, uma nova ação relativamente independente. Na perspectiva da particularidade individual, colocamos em movimento ações com nexos causais (não como causa e efeito imediatos), os quais vão produzindo determinados resultados, entrelaçando com as demais ações também individuais de outras pessoas, se complexificando cada vez mais, o que na perspectiva da totalidade atuam “independentemente dos propósitos de seu ser posto”, mas foram postas teleologicamente (LUKÁCS, 2013, 151).

Neste princípio ontológico, indispensável do ato do trabalho, encontramos a chave para o entendimento dos fenômenos do estranhamento, pois, na interação com a totalidade social, essas posições teleológicas colocadas em movimento se desenvolvem objetivamente, ocasionando resultados diferentes das finalidades que inicialmente colocamos, em muitos casos, resultados completamente opostos. Este é o caso do desenvolvimento das forças produtivas que potencializa frequentemente o desenvolvimento das capacidades humanas, mas que carrega consigo – e como é possível verificar na história das sociedades humanas – a possibilidade do esfacelamento completo de indivíduos ou grupos sociais, como no escravismo antigo, ou no trabalho assalariado¹⁰.

Esse desenvolvimento desigual, conforme sustenta Lukács, é o fundamento ontológico do estranhamento. O que deve ficar claro é justamente essa desigualdade no desenvolvimento das forças produtivas que potencializa as capacidades humanas e o não correspondente desenvolvimento da *personalidade humana*. Em suma, é o antagonismo entre desenvolvimento das capacidades e desdobramento da personalidade o conteúdo dos diferentes estranhamentos que se manifestam nos diferentes estágios do desenvolvimento social. Quando esse processo atinge o grau de generalização, ele se faz presente em todos os atos do trabalho, “permanentemente como momentos indispensáveis desses atos” (LUKÁCS, 2013, p. 582).

Foi com o intuito de explicar esta questão que Lukács separou o ato do trabalho em seus dois momentos inseparáveis: o da *objetivação* e da *alienação*, sempre ressaltando a unidade indissolúvel entre esses dois momentos. Na objetivação temos a materialização do objeto, a produção de um objeto

¹⁰ As seguintes passagens de Lukács são lapidares neste sentido: “o fato de que o desenvolvimento das forças produtivas acarreta de imediato um incremento na formação das capacidades humanas, que, no entanto, abriga em si simultaneamente a possibilidade de sacrificar os indivíduos (e até classes inteiras) nesse processo” (LUKÁCS, 2013, p. 580). Mais adiante: “o desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia –, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana. Pelo contrário: justamente por meio do incremento das capacidades singulares ele pode deformar, rebaixar etc. a personalidade humana. (Basta pensar em muitos dos integrantes de equipes especializadas da atualidade, nos quais as habilidades específicas cultivadas de modo sofisticado têm um efeito altamente destrutivo sobre a sua personalidade)” (LUKÁCS, 2013, p. 581).

novo inexistente na natureza, potencialmente criando e desenvolvendo nos seres humanos novas capacidades, habilidades e necessidades, o que corresponde ao desenvolvimento da sociabilidade humana. Na alienação, a personalidade do sujeito se revela no produto do trabalho como expressão da alienação no ato da produção. No produto podemos reconhecer “a mão” (a personalidade) de seu produtor, que conserva traços da sua individualidade. Nos exemplos dados por Lukács, do artesanato e da manufatura, ele nos esclarece que enquanto que no artesanato o produtor exprime no objeto sua marca, revelando a personalidade do sujeito, na manufatura “a mão” de quem produz tende a desaparecer com a divisão das atividades técnicas do trabalho (Lukács, 2013, p. 423).

Com o desenvolvimento e utilização da ciência na produção capitalista¹¹, seguindo com o exemplo, a tendência é a despersonalização dos produtos em torno das expressões individuais. Isso não necessariamente assume o caráter negativo, pelo contrário, é o próprio desenvolvimento das forças produtivas, condição para o desenvolvimento das capacidades humanas. Com o desenvolvimento das forças produtivas, portanto, impulsiona-se o processo de surgimento do indivíduo, chamado por Lukács de processo de individuação, ao mesmo tempo em que possibilita um ser social cada vez mais próximo do seu gênero. Para isso, cada vez mais também é necessária a ampliação e o desenvolvimento de personalidades mais ricas e complexas, contudo, como deve ficar visível, pode ocorrer totalmente o contrário, um desenvolvimento de uma personalidade cada vez mais excêntrica ou medíocre. Para Lukács, neste conflito a personalidade pode sofrer deformações. Nas palavras do autor:

Quando falamos aqui do conflito entre o desenvolvimento das capacidades humanas pelas forças produtivas e a conservação (ou o esfacelamento) da personalidade humana, esse conflito dependerá igualmente da recém-exposta dupla constituição do desenvolvimento social. Tais conflitos desempenham no desenvolvimento da sociedade um importante papel, que pode se exteriorizar, por exemplo, na efetivação ou no fracasso do fator subjetivo; trata-se, portanto, de um fenômeno social de grande importância. (LUKÁCS, 2013, p. 591)

A personalidade, na teoria de Lukács, está ligada as escolhas que cada indivíduo realiza, diante das possibilidades e alternativas concretas, ao longo da vida, o que nos permite evidenciar essa relação desigual: o desenvolvimento das forças produtivas potencializa as capacidades, mas no plano concreto, se afirmam como obstáculos socialmente postos à riqueza da personalidade. “O homem torna-se personalidade mediante o desenvolvimento das forças produtivas sociais, mas pode também ser estranhado de si mesmo por força desse mesmo movimento”. Por esse motivo que “progresso social e estranhamento humano estão acoplados no ser social [...], o estranhamento brota do progresso social” (LUKÁCS, 2013, p. 747).

Desse modo, uma personalidade humana somente pode se manifestar, desenvolver ou fracassar “num campo de ação histórico-social e concreto e específico” (LUKÁCS, 2013, p. 588).

¹¹ O desenvolvimento da ciência na produção especificamente capitalista foi evidenciado por Marx n’O Capital, sobretudo na seção IV (MARX, 2010).

Fica-nos visível que a “personalidade, com toda a sua problemática, é uma categoria social” (LUKÁCS, 2013, p. 591). Todas as determinações da personalidade, portanto, têm origem, antes de tudo, nas relações do mundo prático, entre os indivíduos reais, como na sua atividade com a natureza e nos processos que se desenvolvem no plano concreto da sociedade. A personalidade humana é inseparável da totalidade da sociedade, nesse desenvolvimento social desigual, ela pode desenvolver-se autenticamente ou ser rebaixada “a mera particularidade, [e] esta é a consolidação final do estranhamento” (LUKÁCS, 2013, p. 621).

A breve exposição que fizemos sobre os fundamentos do estranhamento deve ser capaz de demonstrar que este fenômeno surge do próprio progresso social e assume diferentes formas nos diferentes estágios do desenvolvimento social, sendo a escravidão a sua “primeira forma extremamente brutal¹²” (LUKÁCS, 2013, 743). O estranhamento, portanto, deve ser entendido como um produto das relações sociais e econômicas objetivas, tendo sempre uma expressão ideológica e, em cada particularidade histórica, incide na subjetividade, isto é, no desenvolvimento da personalidade. A superação do estranhamento somente pode ser vislumbrada com a atividade prática objetiva dos sujeitos reais que vivem em sociedade. Nos cabe, a seguir, apontar alguns elementos que explicitam a atualidade da teoria de Lukács para uma crítica da sociedade capitalista.

2. Alguns elementos da atualidade da teoria do estranhamento

Os apontamentos presentes neste trabalho também devem ser capazes de apresentar a pertinência da teoria social marxiana, bem como a urgente proeminência da *Ontologia* de Lukács para o entendimento dos fenômenos sociais que surgem no capitalismo contemporâneo, mais explicitamente o fenômeno do estranhamento e as suas implicações para a emancipação humana. Em poucas palavras, precisamos avivar a capacidade que essa teoria crítica tem de elucidar as questões colocadas na ordem do dia.

Embora muitos tenham falado na perda da “centralidade do trabalho”¹³, a relevância do trabalho para a produção e reprodução do valor na sociedade capitalista ainda é decisiva. Marx demonstrou, na seção VI d’*O Capital*, que, na relação de assalariamento, a exploração do trabalho

¹² “[...] a sua primeira forma extremamente brutal, a escravidão, representou do ponto de vista econômico igualmente um progresso, uma consequência necessária do desenvolvimento das forças produtivas, e poder-se-ia dizer que todo período que traz coisas essencialmente novas que abrem novas possibilidades, tanto interiores como exteriores, para o devir da personalidade também faz emergir novas formas do seu estranhamento” (LUKÁCS, 2013, p. 747).

¹³ As diversas teses acerca do “fim do trabalho” se apresentam como: “trabalho imaterial”, “substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto”, “fim do proletariado”, “desaparição do trabalho” e “sociedade pós-industrial”. Não é necessário adentrar neste debate, faz-se oportuno apenas citar como expoentes máximos dessas concepções os autores André Gorz (1982) e Claus Offe (1984). Uma oposição a essas concepções foi realizada pelo sociólogo Ricardo Antunes, presente principalmente em *Adeus ao trabalho?* (2000).

fica mistificada¹⁴ e aquilo que aparece como produção do trabalhador é, na verdade, apropriação do excedente pelo capitalista. O salário mantém o trabalhador sempre nesta mesma relação de assalariamento (MARX, 1985b, p. 127). Com o salário o trabalhador reproduz suas condições de existência enquanto trabalhador, perpetuando a distância existente entre os trabalhadores e a propriedade dos meios materiais que lhes permitam a vida e a efetivação do trabalho, e isso é uma *conditio sine qua non* da sociedade capitalista.

Nos *Manuscritos de 1844*, na seção intitulada “*Trabalho [estranhado] e propriedade privada*”, Marx já havia mostrado que o autoestranhamento do ser humano, de si e da natureza, explicita-se na relação prática real que este estabelece com outros seres humanos, isto é, os seres humanos não somente relacionam com o seu produto e atividade de modo estranhado, mas com outros seres humanos também de modo estranhado e hostil. É preciso lembrar que esse processo não se restringe apenas ao trabalhador, porém, ao capitalista ela se apresenta de forma distinta: o “que aparece no trabalhador como atividade de [alienação], de [estranhamento], aparece no não trabalhador como estado de [alienação], de [estranhamento]”¹⁵ (MARX, 2015, p. 321).

Numa outra passagem desta mesma parte dos *Manuscritos*, Marx expõe que na diferenciação do ser humano para o animal, aquilo que é próprio do ser humano, o trabalho, torna-o mais “animalesco”, porque nesta condição o ser humano só se sente humano em atividades animais, e na atividade especificamente humana, um animal, pois “o homem (o trabalhador) já só se sente livremente ativo nas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adorno etc. –, e já só como animal nas suas funções humanas” (MARX, 2015, p. 309).

Lukács adverte que essa “metáfora bastante drástica do ‘animalesco’” não se refere apenas à retórica e não pode ser interpretada literalmente. Mas que, “corretamente entendida, ela designa, muito antes, com bastante exatidão a condição que certos estranhamentos do homem provocam nele: sua exclusão do complexo do ser do homem” (LUKÁCS, 2013, p. 594). Assim, o desenvolvimento das forças produtivas que possibilita o desenvolvimento das capacidades humanas, pelo próprio domínio das forças da natureza e da capacidade de produzir mais meios de subsistência na mesma quantidade de tempo, pode, com “um retrocesso nessa área”, como a subordinação da atividade vital

¹⁴ Na aparência (essencial para a forma salário), toda a jornada de trabalho foi paga ao trabalhador: “Na corveia distinguem-se espacial e temporariamente, de modo perceptível para os sentidos, o trabalho do servo para si mesmo e seu trabalho forçado para o senhor da terra. No trabalho escravo, a parte da jornada de trabalho em que o escravo apenas repõe o valor de seus próprios meios de subsistência, em que, portanto, realmente só trabalha para si mesmo, aparece como trabalho para seu dono. Todo seu trabalho aparece como trabalho não pago. No trabalho assalariado, ao contrário, mesmo o mais-trabalho ou trabalho não pago aparece como trabalho pago. Ali a relação de propriedade oculta o trabalho do escravo para si mesmo; aqui a relação de dinheiro oculta o trabalho gratuito do assalariado” (MARX, 1985b, p. 130).

¹⁵ Também pelos motivos expostos na segunda nota de rodapé deste trabalho, optamos por ajustar a tradução desta citação. Na obra aparece da seguinte maneira: “que aparece no trabalhador como atividade de exteriorização, de alienação, aparece no não trabalhador como estado de exteriorização, de alienação” (MARX, 2015, p. 321). A preferência pelo uso destes termos nesta tradução para o português dos *Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos*, feita por J.P. Netto e Maria Antónia Pacheco, encontra explicação no “*Apêndice*” desta mesma edição, realizado por Sérgio Lessa, responsável pela revisão técnica desta tradução.

do homem enquanto exclusivo meio de vida”, provocar “um retorno do simples e brutalmente fisiológico, ou seja, um tipo de estranhamento da sensibilidade humana em relação ao seu estágio social já alcançado na realidade”. Portanto, “a isso Marx confere uma expressão certa com o termo ‘animalesco’” (LUKÁCS, 2013, p. 595).

Isso não é restrito, como pode parecer, aos indivíduos particulares que recebem baixos salários já que “o salário mais alto substitui o salário mais baixo, o tempo livre mais longo substitui o mais curto”. Justamente “esse desenvolvimento [social] só aniquila alguns estranhamentos antigos, substituindo-os por uma nova espécie de estranhamentos” (LUKÁCS, 2013, p. 778). Como dissemos, no descompasso entre o desenvolvimento das capacidades e o desenvolvimento da personalidade humana, pode significar ao aniquilamento dos indivíduos, e em cada momento histórico existem formas de estranhamento correspondentes às relações de produção e reprodução da vida social. O desenvolvimento das forças produtivas, altamente progressivo no capitalismo, é o mecanismo que potencializa as capacidades humanas, mas não sem desenvolver o estranhamento na forma da “desumanização”. Embora o desenvolvimento social na atualidade engendre condições avançadas de produção material para a reprodução da vida humana, configura-se uma tendência inversa: a de coibição do desenvolvimento da personalidade humana.

Para Lukács, essas características mais efetivas “a todo e qualquer estranhamento dentro do capitalismo podem ser claramente visualizados já em suas primeiras formulações por Marx”, como nos referidos *Manuscritos*, pois “todas as formas fenomênicas exteriores estão em nítido contraste com as formas atuais” (LUKÁCS, 2013, 795). Na já referida obra, Marx (2015) também demonstrou que a essência da atividade do trabalho é a própria relação do trabalhador com a produção da sua própria humanidade. Para ele, o ser humano é um ser genérico, isto é, a apreensão dessa essência humana não é uma essência abstrata e inata ao ser humano, ela é “a verdadeira comunidade dos homens, estes produzem afirmando a sua essência”, sendo “a comunidade humana, o ser social – que não é uma potência geral, abstrata diante do indivíduo isolado, mas o ser de cada indivíduo, a sua própria atividade, o seu próprio gozo, a sua própria riqueza” (MARX, 2015, p. 208).

Por isso, para consigo mesmo o ser humano é um ser universal, sua existência é parte de um gênero, o humano, da humanidade, de uma espécie (MARX, 2015, p. 310). Contudo, no capitalismo, essa relação, a do ser humano com o seu próprio gênero, lhe é estranha, isto é, o ser humano está estranhado da sua própria universalidade. Podemos exemplificar (sem poder desenvolvê-las devidamente aqui) algumas formas de estranhamentos enquanto obstáculos ao desenvolvimento do gênero humano, com as diversas formas de opressão à mulher¹⁶ e outras opressões que se reproduzem na sociedade contemporânea (xenofobia, homofobia, racismo etc.). Sem deixar de mencionar

¹⁶ Em especial no último capítulo do segundo volume da *Ontologia*, Lukács se atem mais detidamente ao domínio do homem e a opressão da mulher. Para isso ver páginas 610-611 (LUKÁCS, 2013).

também, é claro, o ascendente movimento anticientífico, expresso no movimento antivacina, ou no mundo não esférico do terraplanismo, ou a própria pseudociência, e, talvez o mais urgente deles, o negacionismo climático. Estes últimos exemplos apresentam o elemento de negação da ciência ou o ilusório caráter científico. O desenvolvimento da ciência abre a possibilidade de a humanidade afastar-se cada vez mais do ser natural, “fazendo recuar as barreiras naturais”, (LUKÁCS, 2013, p. 736) e também da prática imediata do cotidiano (LUKÁCS, 1966, p. 42).

O desenvolvimento científico e o próprio desenvolvimento das forças produtivas são condições para o desenvolvimento das capacidades humanas. À medida em que a ciência intervém no modo prático da vida cotidiana, como na indústria, por exemplo, tanto mais é preciso reconhecer seu potencial emancipatório, porém, o processo de industrialização mesmo teve que implementar, de maneira imediata, a desumanização posta pela exploração do trabalho e a degradação ambiental. Aqui encontramos o entrelaçamento entre o impulso para a emancipação humana e os processos de estranhamento, da exploração do ser humano pelo ser humano no capitalismo. No desenrolar desse progresso social podem emergir novas condições para o aparecimento de novos estranhamentos *sui generis* decorrentes do desenvolvimento social.

3. Considerações finais

A problemática do estranhamento entrou para o cerne da ciência após percorrer um longo caminho na história da filosofia ocidental, como aludimos anteriormente. A teoria do estranhamento em Marx se tornou uma das mais influentes vertentes desta temática e ainda hoje se configura como uma contribuição teórica que permite uma crítica contundente ao modo de produção capitalista na atualidade, bem como possibilitou a Lukács desenvolver aquilo que apresentamos como fundamentos ontológicos do fenômeno do estranhamento e a sua própria teoria do estranhamento. Assim, no desenvolvimento gradual das forças produtivas impulsiona-se o desenvolvimento das capacidades humanas, não somente para a satisfação das necessidades imediatas, mas de capacidades mais complexas, o que é condição para o desenvolvimento da personalidade genuinamente humana. Contudo, esse desenvolvimento social se realiza de maneira contraditória e desigual (LUKÁCS, 2013, p. 481).

O desenvolvimento social desigual, que contempla o desenvolvimento econômico, reconhecido por Marx e Lukács, é, portanto, o fundante das várias formas de estranhamentos presentes nos diferentes estágios do desenvolvimento social. Nessa perspectiva, a vida prática assume um papel importante, pois os estranhamentos e as lutas contra eles encontram um terreno fértil para se desenrolar. Lukács chamou a atenção para a “ontologia da vida cotidiana”, pois é justamente nela se desenrolam “todas essas séries de influência recíproca – da totalidade até as decisões singulares,

destas de volta à totalidade dos complexos, à sociedade e à sua totalidade – encontram uma expressão imediata” (LUKÁCS, 2013, p. 585). Desse modo, não há estranhamento que não se manifeste na prática cotidiana, e a sua possível superação também se realiza nesta esfera da vida social.

O presente trabalho tentou demonstrar que, com esse fundamento do fenômeno do estranhamento, as relações de produção, sob a égide do capital, confrontam o desenvolvimento social com a dinâmica de valorização autoexpansiva do valor, da exploração e da divisão capitalista do trabalho, moldando uma sociabilidade também de maneira contraditória e desigual, constringendo o desenvolvimento da personalidade humana. Em poucas palavras: o chamado desenvolvimento econômico, o qual nos deparamos hoje, corresponde ao aniquilamento da classe trabalhadora. Repetitivamente, o mesmo desenvolvimento que permitiu o aumento dessas capacidades se tornou um empecilho a elas: o estranhamento em suas diversas formas de manifestação, como no trabalho assalariado. Ele se expressa como trabalho forçado, como deformação do trabalhador. Nossa conclusão, obviamente, não restringe a possibilidade de examinarmos mais profundamente a relação entre estranhamento, desenvolvimento econômico, trabalho assalariado, opressões etc., bem como as vias da superação dos estranhamentos. Esperamos abrir caminhos, em pesquisas futuras, para o entendimento dos limites impostos pelo desenvolvimento social, pela sociedade capitalista, ao desenvolvimento da personalidade humana, especialmente aos integrantes da classe trabalhadora.

4. Referências Bibliográficas

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. Ed. Campinas, SP: UNICAMP; São Paulo: Cortez, 2000.

ENGELS, F. **A dialética da Natureza**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1982.

HEGEL, G. W. F. **A Razão na História:** Uma Introdução Geral à Filosofia da História. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Fenomenologia do espírito**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1992a.

_____. **Fenomenologia do espírito**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1992b.

LUKÁCS, G. **Estética**. Volume I. Barcelona / México: Grijalbo, 1966.

_____. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Senzala, 1967.

_____. **Introdução a uma estética marxista:** sobre a particularidade como categoria estética. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **O jovem Marx e os escritos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Para uma Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma Ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital:** crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985a.

_____. **O Capital:** crítica da Economia Política. Livro Primeiro, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1985b.

_____. **O Capital:** crítica da Economia Política. Livro Terceiro, Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1984a.

_____. **O Capital: crítica da Economia Política. Livro Terceiro, Tomo 2.** São Paulo: Abril Cultural, 1984b.

_____. **Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844.** São Paulo, Expressão popular, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia alemã (Feuerbach).** São Paulo: Editora Hucitec, 1986. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉZSÁROS, I. **Teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2016.

OFFE, C. **Capitalismo desorganizado.** São Paulo, Brasiliense, 1984.

RICARDO, D. **Princípios de economia política e tributação.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMITH, A. **A riqueza das nações.** Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.